

MÚSICA

O samba faz cem anos

CONSIDERADA A PRIMEIRA canção do gênero, *Pelo telefone* foi registrada por Donga em novembro de 1916

FÁBIO PRIKLADNICKI
anexo@diariocatarinense.com.br

Foi há cem anos, no dia 27 de novembro de 1916, que Ernesto Joaquim Maria dos Santos, o Donga, registrou na Biblioteca Nacional a partitura daquele que ficaria conhecido como o primeiro samba da história: *Pelo telefone*. No seu glorioso centenário, o gênero se tornou o grande símbolo da música brasileira.

Os bastidores da criação de *Pelo telefone* dão uma pista de como a história do samba tem mais nuances do que o imaginário costuma revelar. Como explica o pesquisador Carlos Sandroni no livro *Feitiço decente* (Zahar/Editora da UFRJ), o próprio Donga reconheceu que não era exatamente o autor do tema, o qual teria recolhido – uma das teses é que foi composto coletivamente na casa da Tia Ciata, uma das baianas radicadas no Rio que davam memoráveis festas de samaba na cidade. Mauro de Almeida, que ganhou crédito como autor da letra, também relativizou sua própria participação, como conta Sandroni: inspirou-se em trovas populares.

Há ainda quem debata o papel de *Pelo telefone*, pois o que reconhecemos hoje como samba tem mais características da música que começou a ser feita nos anos 1930 no Estácio de Sá por nomes como Ismael Silva. Até hoje os estudiosos se debruçam sobre os dois tipos de samba. Em uma célebre “acareação” sobre o tema, Ismael considerou *Pelo telefone* um maxixe, enquanto Donga chamou *Se você jurar*, de Ismael, de marcha.

Hoje, sabemos que samba é tudo isso e muito mais. Senão, vejamos: samba de enredo, samba-canção, samba de breque, partido alto etc. Em suas mutações, o gênero nacional por excelência foi combinado com jazz, rock, rap e música eletrônica, apenas para citar alguns exemplos. Se há algo que o define é a capacidade de congrega diferentes raças e classes sociais. A historiadora Maria Clementina Pereira Cunha, autora do livro *Não tá sopa*

– *Sambas e sambistas no Rio de Janeiro, de 1890 a 1930* (Editora da **Unicamp**), afirma:

– A despeito da síncopa africana e do peso conferido pelos anos

de escravidão em seu processo de formação, o samba se constituiu como uma linguagem que, construída aos poucos e não sem conflitos, pode ser apropriada de muitas maneiras por sujeitos muito diferentes. Isso ajuda a explicar a longevidade do gênero, que transita do Carnaval para a bossa nova, da MPB de volta aos terreiros, adaptando-se sempre às variadas exigências do público, do tempo e do mercado.

Apesar de sua permanência, o samba vive hoje uma nova realidade frente a gêneros mais presentes nos meios de comunicação, como sertanejo, forró e pagode, e observando a popularização, nas periferias, do rap e funk. O crítico musical Tárk de Souza, que lançará em dezembro os livros *MPBambas* e *Sambalanço* (ambos pela editora Kuarup), observa:

– Se o samba não é mais popular e acabou confinado a uma espécie de elite informada, credite-se tal fato não à produção do gênero, que continua atuante, mas ao veto criminoso da mídia principal, que concentrou seus investimentos vultosos e excludentes no trinômio sertanejo-forró-pagode. De fato, o funk e o rap ganharam território nas periferias onde o samba era hegemônico. Mas por seu enraizamento na alma do país é difícil acreditar no seu desaparecimento.

